

# PRODUTORES FLORESTAIS



N.º 7 Março 2022 [www.produtorestlorestais.pt](http://www.produtorestlorestais.pt)

 [produtorestlorestais.navigator](https://www.facebook.com/produtorestlorestais.navigator)

 [produtores\\_florestais](https://www.instagram.com/produtores_florestais)

 [Produtores Florestais](https://www.youtube.com/ProdutoresFlorestais)

## EUCALIPTO DE QUALIDADE DÁ MAIS RENDIMENTO

Horácio Batista é um dos proprietários de Miranda do Corvo e Penela que investiram na qualidade da sua produção florestal, com apoio da indústria e a mais-valia da certificação, para obterem melhor madeira e mais rendimento. No atual contexto, só a melhor matéria-prima pode tornar competitiva uma floresta de produção e Portugal já tem uma espécie plantada que é referência mundial.

págs. 4 a 17

**ASPAFLOBAL QUER COMBATER  
O ABANDONO NA FLORESTA**

págs. 18 e 19

**CONHEÇA AS VANTAGENS  
DA ADUBAÇÃO MECÂNICA**

págs. 30 e 31

## ÍNDICE

---

Os proprietários florestais de Miranda do Corvo e Penela têm o apoio de programas que tornam a gestão do eucaliptal mais eficiente e produtiva  
**págs. 4 a 9**

Entrevista com Pedro Serra Ramos, presidente da Associação Nacional de Empresas Florestais, Agrícolas e do Ambiente (ANEFA)  
**págs. 10 a 13**

O eucalipto é uma das espécies florestais mais versáteis no uso industrial em todo o mundo  
**págs. 14 a 17**

ASPAFLOBAL – Associação dos Produtores Florestais do Barlavento Algarvio, em Monchique  
**págs. 18 e 19**

Consultório Técnico – O planeamento dos caminhos e aceiros é fundamental na defesa da floresta  
**págs. 20 e 21**

A Câmara Municipal de Mortágua e a CELPA estão a recuperar áreas ardidas na floresta de produção do concelho  
**págs. 22 a 25**

O projeto piloto “Replantar Pedrógão” já reflorestou cerca de 100 hectares na região que sofreu com os incêndios de 2017  
**págs. 26 a 29**

Adubadores mecânicos: boas práticas de adubação de manutenção em povoamentos florestais  
**págs. 30 e 31**

INIAV e ISA apresentam resultados de estudo sobre gestão de eucaliptais na região Oeste  
**págs. 32 e 33**

Consultório Jurídico: Habilitação para conduzir e operar tratores em segurança  
**pág. 34**

Notícias  
**pág. 35**

Finanças & Fiscalidade  
**págs. 36 e 37**

Três perguntas a Silvério Regalado, presidente da Câmara Municipal de Vagos + Agenda  
**pág. 38**

Opinião – Licínio Pina  
**pág. 39**

**SAPADORES NATURAIS DA PAISAGEM**  
Muito comuns na região do Minho, os garranos são cavalos semi-selvagens nativos da Península Ibérica que desenvolveram uma natural adaptação e integração nos ecossistemas de montanha. A mecanização e a evolução no transporte reduziram a sua utilização na economia agropastoril a partir de meados do século XX, mas o garrano continua ainda hoje a desempenhar um papel essencial na manutenção da paisagem e na prevenção de fogos tal como sucede com as vacas maronesas ou os rebanhos de cabras que se alimentam da vegetação acumulada no solo.



# “ESTAMOS A FAZER MAIS E MELHOR NA FLORESTA”

Dois programas de apoio à gestão florestal – o Limpa e Aduba e o Programa Premium da Navigator – estão a contribuir para o desenvolvimento da floresta de eucalipto em Miranda do Corvo e Penela, no distrito de Coimbra. “Trazem mais gente para a floresta, ajudam a proteger do risco de incêndio e vão contribuir para aumentar o nosso rendimento”, dizem os proprietários.



▲ Os proprietários Horácio Batista, António Batista e Augusto Batista (ao centro na foto) têm beneficiado do apoio técnico do Programa Premium, promovido pela Navigator e pelo Instituto RAIZ, bem como da equipa da 2BForest na região Centro



▲ Augusto Batista diz que “vai valer a pena” a plantação que fez no ano passado nesta parcela de 7,2 ha em Pousafoles

O património florestal construído maioritariamente pelo pai responsabilizou Augusto Batista e os irmãos no acompanhamento da gestão das propriedades que herdaram e acrescentaram, na região de Miranda do Corvo e Penela, no distrito de Coimbra. “Temos de dar continuidade ao que nos ensinaram. E a verdade é que se ele estivesse aqui, ficava todo orgulhoso com o que estamos a fazer na floresta”, afirma à “Produtores Florestais” o mais novo dos irmãos Batista, sublinhando: “Agora estamos a fazer mais e melhor na floresta, pois é nela que temos o nosso principal rendimento”.

Augusto e os irmãos José, Horácio e António, têm uma vida preenchida na floresta. Primeiro na exploração de pinho, que motivou a criação da empresa de serração em Vendas de Podentes, em Penela, e agora principalmente na exploração de eucalipto. “Este é o nosso ganha-pão”, explica Horácio Batista.

A escolha pelo eucalipto acabou por ser natural. “É uma boa espécie, porque cresce rápido e tiramos rendimento ao fim de 10-12 anos. O investimento em pinho é caro e o seu rendimento já não vai para os filhos... Se calhar só para os netos”, prossegue Horácio, referindo-se ao facto de o pinheiro-bravo demorar mais de 40 anos para dar retorno ao proprietário.

### Importante apoio técnico

“Começámos a replantar o eucalipto desde que tomámos conta das matas. Muitos dizem que somos doidos, por andarmos a gastar dinheiro na floresta, mas gostamos de fazer as coisas bem feitas”, diz o produtor. Com o apoio de programas como o Limpa e Aduba e o Programa Premium da Navigator na gestão das suas plantações, Horácio acredita que “a produtividade pode aumentar 20%”. “Vê-se que as matas estão diferentes e, nas que receberam adubo, as árvores estão maiores. Nos últimos cinco anos só temos plantado clones, pois antes nem sequer sabíamos que havia”, afirma, revelando que foi o primeiro dos irmãos a plantar clones nas propriedades. “Foi em 2015, por via da Soporcel (hoje Navigator), à qual tinha arrendado um terreno.”

**“O Limpa e Aduba é bom porque obriga-nos a fazer a limpeza, e ao manter as matas limpas estamos a guardar a floresta e a fazer com que ela cresça mais rápido e não arda”, adianta Augusto Batista.**

## BOA GESTÃO E CERTIFICAÇÃO FAVORECEM MAIS RENDIMENTO

As boas práticas de gestão são meio caminho para proprietários e produtores tirarem mais rendimento dos seus espaços florestais. Estas passam pela correta preparação do terreno, a escolha da melhor planta e uma adequada manutenção das plantações. “É muito importante a preparação que se faz, de forma a preservar o solo e dar boas condições para o crescimento das plantas. A escolha da planta também é importantíssima, porque vai estar no terreno durante 40 anos, um horizonte de longo prazo que exige qualidade”, afirma Gonçalo Silva, sem esquecer “as boas práticas na condução dos povoamentos, nomeadamente na adubação, operações de limpeza, e, no caso do eucalipto, a seleção de varas”. O coordenador da 2BForest para a região Centro defende que a certificação é uma solução para os proprietários que querem desenvolver a sua floresta. “Os membros do nosso grupo recebem apoio técnico e ferramentas para gerirem melhor as suas propriedades, nomeadamente acesso à plataforma ForestSIM, que inclui toda a informação sobre as áreas certificadas, da planta

às condicionantes que existem no terreno, passando pelo planeamento da gestão a longo prazo”, adianta. O resultado é tornar os espaços florestais mais sustentáveis e, ao mesmo tempo, proporcionar maior rendimento. “Não só pelo aumento da produtividade, mas também pela valorização da madeira”, diz Gonçalo Silva, pois “a madeira certificada tem um bónus – quatro euros por m<sup>3</sup> –, seja no eucalipto ou no pinheiro-bravo”.

**Gonçalo Silva, da 2BForest, destaca a importância na escolha da nova planta, “porque vai estar no terreno durante 40 anos, um horizonte de longo prazo que exige qualidade”.**



▲ João Ribeiro, Teresa Pereira e Gonçalo Silva integram a equipa do Polo Centro da 2BForest. A plataforma ForestSIM (ao lado) tem todas as informações sobre as áreas certificadas

Agora é também com o apoio da 2BForest, uma empresa dedicada à certificação florestal, que estes proprietários de Miranda do Corvo estão a melhorar e desenvolver a sua floresta produtiva. Os irmãos integram o grupo de certificação da 2BForest desde 2017, e, no total, já têm cerca de 290 hectares de floresta certificada. “Os nossos membros recebem indicações sobre qual a melhor planta e as operações adequadas para a instalação do povoamento, ou como adquirir plantas de qualidade a um preço competitivo”, afirma Gonçalo

Silva, coordenador do Polo Centro da 2BForest, que tem escritório em Tábua e na Sertã. “Temos tido uma grande adesão por parte dos proprietários”, prossegue o técnico florestal, destacando a ligação estreita com a indústria, sempre ativa na promoção de programas de apoio à gestão florestal. “Oferecemos estes serviços para as áreas certificadas no nosso grupo, mas também há proprietários que acabam por certificar as suas áreas depois de terem aderido ao Limpa e Aduba ou ao Premium.” ▶



**“O eucalipto é uma boa espécie porque cresce rápido e tiramos rendimento ao fim de 10-12 anos. O investimento em pinho é caro e o seu rendimento já não vai para os filhos... Se calhar só para os netos”, diz Horácio Batista.**

#### Incentivo para a limpeza das matas

Augusto Batista acredita que o apoio do Programa Premium na escolha da melhor planta, para uma parcela de 7,2 ha em Pousafoles, “vai valer a pena”, mas também destaca os méritos do Limpa e Aduba: “É bom porque obriga-nos a fazer a limpeza, e ao manter as matas limpas estamos a guardar a floresta e a fazer com que ela cresça mais rápido e não arda.”

“A melhor maneira de diminuir o risco dos incêndios é ter a mata limpa”, concorda Horácio. “Se o fogo puder correr solto, arde tudo, mas se a mata estiver limpa este já não passa com tanta força. Pode arder junto à beira, secar as árvores mais próximas, mas não vai para dentro da mata”, continua o proprietário, apontando outra das vantagens no controlo da vegetação: “O acesso fica mais fácil para os bombeiros que, com os aceiros e as matas limpas, também têm mais facilidade em apagar o fogo.”

Quanto à certificação, o seu grande contributo está na valorização da floresta. “Com a floresta certificada, ganhamos mais dinheiro por metro cúbico”, resume Horácio Batista, referindo-se ao prémio que a indústria oferece na compra de madeira proveniente de plantações certificadas. “Muitos metros já dão um bom dinheiro, mas era preciso que o preço da madeira

▲ **Horácio Batista acredita que os atuais programas de apoio para os produtores contribuem para um aumento de produtividade da floresta**

também subisse”, desabafa ainda o proprietário, lembrando os problemas pela falta de mão de obra e os elevados custos de preparar o terreno. “As máquinas que fazem a preparação do terreno, por exemplo, ficam a 60 euros à hora”, refere.

Apesar de tudo, os irmãos Batista ainda acham que “a floresta vale a pena e o eucalipto também”. António, o mais velho, juntou mais duas parcelas, num total de 9,5 ha, aos terrenos da família apoiados pelo Programa Premium, enquanto Horácio admite que “estes programas trazem mais gente para a floresta”. “As pessoas fazem mais gosto com a floresta tratada e começam a olhar mais pelas matas”, acrescenta, notando que os proprietários ausentes “vêm cá mais vezes, e passou a ser mais difícil comprar novos terrenos”. **PF**

### BILHETE DE IDENTIDADE

#### LOCALIZAÇÃO:

Concelhos de Miranda do Corvo e Penela, no distrito de Coimbra.

#### PROPRIETÁRIOS:

Augusto Batista, José Batista, Horácio Batista e António Batista, que possuem mais de 600 hectares no total.

#### ÁREA TOTAL CERTIFICADA:

290 hectares espalhados por diversas parcelas. Esta área está incluída no Grupo de Certificação da 2BForest, beneficiando também do apoio técnico do Limpa e Aduba e do Programa Premium da Navigator.



## LIMPA E ADUBA JÁ BENEFICIOU 33 MIL HECTARES

Inserido no Projeto Melhor Eucalipto, o programa Limpa e Aduba já beneficiou mais de 33 mil hectares de floresta privada, e tem o objetivo de alcançar 100 mil hectares até 2024, naquela que já é a iniciativa de maior

impacte na gestão de combustíveis em Portugal.

Promovido pela CELPA, o programa fornece o adubo de manutenção, o apoio na sua aplicação e a consultoria técnica, aos proprietários que se comprometam com a realização da limpeza e seleção de varas dos seus povoamentos de eucalipto. Além de desenvolver o potencial produtivo dos povoamentos, o Limpa e Aduba contribui para a proteção da floresta contra os incêndios (reduzindo o risco) e para a promoção da gestão e da certificação florestal, aproximando a relação entre a indústria e os proprietários florestais. Com uma abrangência geográfica no minifúndio do Centro Litoral, Centro Interior, Sul Litoral, Norte Litoral e região Oeste, o programa apresenta um processo de candidatura simplificado, através dos parceiros aderentes, nomeadamente associações de produtores florestais, empresas do setor, grupos de certificação, fornecedores de madeira, etc. Os interessados podem obter mais informações no Projeto Melhor Eucalipto, no site da CELPA ([www.celpta.pt](http://www.celpta.pt)).

**O programa fornece o adubo de manutenção, o apoio na sua aplicação e a consultoria técnica, aos proprietários que se comprometam com a realização da limpeza e seleção de varas dos seus eucaliptais.**

#### Que áreas podem concorrer?

- Povoamentos puros de eucalipto, com idades entre os 2 e os 6 anos;
- Povoamentos preferencialmente até à 3.ª rotação do eucalipto;
- Povoamentos com densidades adequadas (>800 cepos vivos por hectare);
- Povoamentos sem ataque “muito forte” da praga do gorgulho-do-eucalipto;
- Áreas com aptidão para o eucalipto sem condicionantes ambientais;
- Áreas a partir de 2 500 m<sup>2</sup> (0,25 ha), acumuláveis até ao limite máximo de 25 hectares (plantações certificadas, ou no início do processo de certificação, são prioritizadas e a majoração da área a beneficiar pode ir até aos 50 hectares).

## PROGRAMA PREMIUM NAVIGATOR APOIA A GESTÃO DESDE 2018

Os proprietários que procuram apoio para a gestão da sua floresta dispõem, desde 2018, de um programa que fornece soluções técnicas de forma gratuita. Desenvolvido pela The Navigator Company em parceria com o RAIZ – Instituto de Investigação da Floresta e Papel, o Programa Premium Navigator dá respostas às dúvidas e aos problemas colocados pelos produtores, que também beneficiam de acompanhamento posterior.

Destinado a proprietários de áreas de eucalipto, o programa fornece recomendações técnicas para diferentes momentos das operações silvícolas, incluindo preparação do terreno, adubação de instalação ou manutenção, seleção de varas, época de plantação, compasso de árvores, controlo da vegetação espontânea e das espécies invasoras, avaliação da fitossanidade (pragas e doenças), e também a seleção da planta adequada para o clima e o solo da área a instalar.

**Destinado a proprietários de áreas de eucalipto, o Programa Premium fornece recomendações técnicas para diferentes momentos das operações silvícolas, sem implicar qualquer obrigatoriedade.**

#### Como fazer a adesão

Qualquer proprietário pode candidatar-se ao programa, bastando enviar um pedido de adesão através do e-mail [premiumflorestal@thenavigatorcompany.com](mailto:premiumflorestal@thenavigatorcompany.com). Na sequência, é agendada uma visita técnica, após a qual é enviado um relatório com a descrição das melhorias identificadas e possíveis soluções e indicações técnicas de gestão. As recomendações não implicam qualquer obrigatoriedade por parte dos proprietários, que têm a responsabilidade da sua aplicação.



▲ **Susana Morais e Eduardo Mendes são consultores do Programa Premium da Navigator**

**Programa Premium**  
**PRODUTORES FLORESTAIS**



**“É URGENTE RECUPERAR O PATRIMÓNIO FLORESTAL”**

**A degradação da floresta nacional prossegue, há mais de 20 anos, “sem que nada se faça”. Antevendo um cenário “muito sombrio”, o presidente da ANEFA apela: “A necessidade de se apostar em campanhas de arborização é premente e urgente.”**

O presidente da Associação Nacional de Empresas Florestais, Agrícolas e do Ambiente (ANEFA), Pedro Serra Ramos, considera que os últimos anos acentuaram o “abandono do património florestal”, com inevitáveis prejuízos para os empresários do setor. Acusa a falta de trabalho e de recursos humanos, e defende campanhas de arborização urgentes – porque “a floresta não se faz de um dia para o outro” –, comprometendo-se a continuar a apostar na modernização e na qualificação das empresas florestais. Mas para isso, alerta, é preciso investimento, “um maior diálogo com os diferentes atores, e dar maior relevância à floresta”. Além disso, defende, no futuro “fará mais sentido a floresta estar associada ao mundo rural”, condição fundamental para encontrar “soluções mais equilibradas” e os “pilares” de uma visão sustentável.

**Num passado não muito distante afirmou que a “saúde” das empresas florestais estava “muito mal”. Este cenário sombrio mantém-se?**

A saúde das empresas florestais está, e estará sempre, associada ao seu objeto de trabalho – a floresta. Apesar da insistência da União Europeia para que se aumente a área arborizada, o que observamos em Portugal é uma degradação da área florestal, sem que nada se faça para a contrariar. Há mais de 20 anos que se chama a atenção para a degradação da floresta nacional, quer ao nível da excessiva taxa de corte, face à fraca taxa de arborização, quer ao nível da degradação fitossanitária do património florestal. Contudo, pouco se faz para contrariar essa tendência, criando-se sucessivos planos e/ou legislação que apenas trazem mais restrições aos proprietários, que assim perdem a vontade de investir no setor. Se a isso associarmos a situação económica que o país atravessa, com uma degradação da capacidade financeira dos proprietários, e o resultado da estratégia criada pela indústria, que teimou, apesar dos lucros obtidos, em forçar a que os preços da matéria-prima não subissem, o cenário que encontramos, a curto/médio prazo, é, de facto, muito sombrio, acentuando o abandono do património florestal. E o abandono da floresta é sinónimo de menos trabalho para as empresas florestais.

**Quais os principais desafios que se colocam atualmente às empresas florestais?**

Os principais desafios passam por conseguir encontrar um equilíbrio entre o trabalho existente e

a capacidade de manter uma estrutura operacional durante todo o ano, com o mínimo de custos possível. E isso tem sido um desafio muito difícil, uma espécie de dilema de quem apareceu primeiro, o ovo ou a galinha: por um lado, para se manterem no mercado, há que possuir uma estrutura com capacidade, ao nível dos recursos humanos e equipamentos; por outro, há que encontrar trabalho que permita manter essa estrutura durante o ano todo.

E isso poderá obrigar as empresas a reinventarem-se, porque se não há trabalho, não há capacidade financeira para manter recursos humanos ou equipamentos.

**“Os empresários florestais foram dos primeiros a ‘sentir na pele’ os efeitos dos fenómenos climáticos. Principalmente os que trabalham com arborizações, já que as épocas de plantação deixaram de ser vincadas no tempo.”**

**A modernização e a profissionalização do setor estão a avançar como deviam?**

É óbvio que não. Modernização e profissionalização implicam investimento, e para haver investimento tem de existir uma perspetiva de trabalho. Não existindo essa perspetiva não há capacidade de investimento, porque o risco é demasiado grande. A modernização passa pela mecanização racional das operações, pela introdução de novas tecnologias e pela formação de pessoal. Tudo isso custa muito dinheiro, que só estará disponível se as empresas tiverem trabalho. Pode-se pensar que esse é o problema de todos os setores, todavia, nem todos os setores estão sujeitos a que, de um momento para o outro, surja, por exemplo, legislação ou um despacho que os impeça de trabalhar grande parte do verão. E pergunta-se, então que vamos fazer com a estrutura que temos nessa altura do ano? E aí o empresário começa a duvidar se vale a pena investir ou não na modernização da sua empresa. Com isto não quero dizer que baixamos os braços, mas torna tudo muito mais difícil. ►

**A certificação é um instrumento fundamental na competitividade das empresas. Qual a sua importância e quais os principais obstáculos à maior adesão dos vários agentes da floresta?**

Os custos associados à certificação são muito elevados, mas, apesar disso, não tem havido um comportamento racional naquilo que são as compensações às empresas ou aos produtores pela produção de matéria-prima certificada. Isto é, umas vezes paga-se mais pela madeira certificada, outras vezes não querem madeira certificada e por isso não se paga, e, quando o produtor assume pertencer a um grupo de certificação, ou uma empresa se certifica, assume um compromisso por um determinado período de tempo que lhe vai custar dinheiro. Se depois não houver compensação por isso, então de nada valeu a certificação e o prejuízo será apenas de quem aderiu ao processo.

**Um dos grandes compromissos que hoje se colocam no setor florestal é a defesa do ambiente e a sustentabilidade. As empresas estão a trabalhar neste sentido? Quais as necessidades mais urgentes nesta matéria?**

Se as empresas florestais — as verdadeiras empresas florestais, pois, à semelhança de outros setores, também aqui encontramos muito “biscateiro” — se preocupam em criar e gerir a floresta de forma profissional, então a defesa do ambiente e a sustentabilidade constituem uma das suas preocupações. O problema é que os terrenos florestais não pertencem às empresas, pertencem aos produtores, e isso faz com que nem sempre a opinião das empresas seja ouvida e seguida. Em relação à sustentabilidade, a situação é mais grave. O que se observa, atualmente, é que, na maioria das vezes, o proprietário que procedeu ao corte de um determinado povoamento não reinveste parte da receita na arborização da área ou na gestão profissional do povoamento, no caso de uma espécie com mais de uma rotação ou no caso de um desbaste. O mesmo acontece muitas vezes com os montados de sobro e a tiragem de cortiça. Esta situação pode estar igualmente associada a problemas financeiros que os proprietários ou produtores atravessam e que fazem com que as verbas recebidas não sejam reinvestidas nas áreas florestais. Haverá que encontrar soluções, a nível legislativo, que revertam essa situação.

**Vivemos numa época de fenómenos climáticos extremos. Os empresários do setor estão preparados para enfrentar tudo isto?**

Os empresários florestais foram dos primeiros a “sentir na pele” os efeitos dos fenómenos climáticos. Principalmente aqueles que trabalham com arborizações, já que facilmente nos apercebemos de que as épocas teóricas de arborização deixaram

de ser vincadas no tempo. Isso obriga a um maior esforço de planeamento, que é também limitado pela atual legislação em vigor, já que esta proíbe a realização de certos trabalhos durante a época de verão, altura em que tradicionalmente eram realizados. Esta concentração das operações no tempo obriga a um esforço suplementar das empresas, quer no que respeita aos recursos mecânicos, quer aos recursos humanos, que nem sempre é financeiramente possível. A rega de plantações recentemente realizadas é um exemplo disso. O mesmo se observa com outras operações, como as limpezas de mato. Assim, as empresas têm tentado acompanhar as alterações associadas ao clima e terão de o fazer no futuro, mas torna-se difícil acompanhar alterações impostas por via legislativa, sem qualquer preocupação de adaptação do trabalho das empresas às alterações climáticas, apenas com o intuito de colmatar a falta de capacidade de fiscalização do Estado.

**“Os principais desafios das empresas florestais passam por conseguir encontrar um equilíbrio entre o trabalho existente e a capacidade de manter uma estrutura operacional durante todo o ano, com o mínimo de custos possível.”**

**A floresta portuguesa continua a oferecer um grande potencial de desenvolvimento para o empresariado?**

Teoricamente, esse potencial existe. A necessidade de se apostar em campanhas de arborização é premente e urgente. Trata-se de recuperar o património florestal. A falta de matéria-prima já é uma condicionante forte ao trabalho da indústria, colocando em risco milhares de postos de trabalho. E a floresta não se “faz” de um dia para o outro. Contudo, está difícil encontrar os recursos financeiros ou o modelo financeiro que permita a realização desta estratégia, já que a preocupação nos últimos anos tem sido desviar os recursos financeiros do setor florestal para os problemas dos fogos rurais e a alteração da paisagem, que é algo que levará muitos anos a realizar, e que forçosamente envolverá muito mais do que os agentes do setor florestal.

**Qual a posição e a imagem do setor florestal nacional nos mercados internacionais?**

É boa, sobretudo através de algumas indústrias de base florestal, com grande impacto nas exportações,

**“PRODUÇÃO E PROTEÇÃO SÃO COMPLEMENTARES”**

Pedro Serra Ramos considera que existe “alguma contradição na valorização do impacto socioeconómico do eucalipto em Portugal”. Por um lado, diz “observa-se um apoio do Estado à atividade industrial associada ao eucalipto, até com apoios ao aumento de produção da pasta e papel”, e, por outro, “pretende-se reduzir a área de produção da espécie, limitando-se dessa forma, por via legislativa, a capacidade de abastecimento das fábricas com matéria-prima nacional”. A propósito, nota que existe no país “uma crescente oposição a qualquer forma de floresta intensiva, fomentada por interesses políticos, que têm pouco de conhecimento científico associado”. Ora, defende o presidente da ANEFA, a floresta de produção mais intensiva, “para além de ser floresta e poder cumprir com todos os quesitos ambientais, desde que bem instalada e gerida, é importante para poder encontrar fontes de financiamento que ajudem a pagar a instalação e manutenção da chamada floresta de proteção, cujos objetivos principais estarão mais ligados às questões ambientais”. Ou seja, “uma forma de floresta não incompatibiliza a outra, antes são complementares”, sublinha.



**“A imagem do setor florestal nos mercados internacionais é boa, sobretudo através de algumas indústrias de base florestal, com grande impacto nas exportações, como é o caso da pasta e papel, cortiça e mobiliário.”**

como é o caso da pasta e papel, cortiça e mobiliário. No que respeita aos prestadores de serviços, estamos ao nível do que de melhor se faz na Europa, tendo até em atenção a inovação e a utilização de novas tecnologias. Portugal tem sido um país pioneiro na discussão de alguns temas florestais, que quando são apresentados no exterior não são ainda tema na maior parte dos países europeus, e que depois se afirmam como questões importantes para o desenvolvimento florestal. Mas este tipo de notícia, tem normalmente pouco relevo no nosso país.

**Que futuro antevê para a floresta nacional?**

O futuro dependerá muito do novo governo e da sua estratégia para as florestas. É necessário um maior diálogo com os diferentes atores e dar maior relevância à floresta. Por isso, fará mais sentido a floresta estar associada ao mundo rural do que ao ambiente, já que existem preocupações comuns com aquilo que é o mundo rural. Assim, será mais fácil encontrar soluções mais equilibradas, onde prevalecem igualmente as questões ambientais, não encaradas de forma isolada, mas como parte de sistemas que envolvem o ambiente, a economia e as questões sociais. No fundo, os pilares de uma visão sustentável. **PF**

**“A floresta de produção cumpre todos os quesitos ambientais, desde que bem instalada e gerida, e é importante para poder encontrar fontes de financiamento que ajudem a pagar a instalação e manutenção da chamada floresta de proteção”.**

◀ O presidente da ANEFA defende soluções a nível legislativo para que proprietários e produtores reinvestam nas áreas florestais

# EUCALIPTO: UMA ÁRVORE MULTIUSOS

Portugal beneficia de condições de solo e clima ideais para o desenvolvimento de eucalipto, uma das espécies florestais mais versáteis e plantadas em todo o mundo. Por se tratar de uma árvore de crescimento rápido, possui uma vantagem natural que permite uma atividade económica florestal que alimenta diferentes setores industriais, do automóvel às energias renováveis, passando pela alimentação, embalagem, farmacêutica, cosmética e até na indústria têxtil. E tem um importante desempenho no impacto social e económico do país, além de um contributo relevante para o desafio climático do planeta.



## Tem um papel relevante para o ambiente

- As florestas plantadas de eucalipto em Portugal são o segundo coberto florestal em stock acumulado de CO<sub>2</sub>, com mais de 71 milhões de toneladas, logo atrás do pinheiro-bravo e à frente do sobreiro. E têm uma taxa anual de captura de CO<sub>2</sub> sete vezes superior à do sobreiro e três vezes superior à do pinheiro.
- Esta árvore tem uma grande capacidade de produção de oxigénio. Um hectare de eucalipto liberta, anualmente, O<sub>2</sub> suficiente para 33 pessoas. Estima-se que a área de eucalipto em Portugal (que ocupa 9% do território) produza, por ano, oxigénio suficiente para uma população superior a 37 milhões de pessoas.
- O eucalipto plantado e gerido de forma responsável contribui para a preservação das florestas naturais, reduzindo a pressão da procura de produtos florestais nas áreas onde estas se localizam.



## A sua madeira é utilizada em...

- Mobiliário, painéis de madeira (MDP, MDF, HDF, OSB e EGP);
- Pisos (parquet, decks...);
- Construção civil;
- Estacaria para vedações, fundações e postes;
- Carvão vegetal.



## A sua fibra de celulose serve para...

- Papéis diversos: papel de impressão e escrita, cadernos, livros, revistas, jornais, embalagens, sacos, papel vegetal, papel-moeda, etc.;
- Papéis de uso doméstico: lenços, guardanapos, papel de cozinha, papel higiénico, fraldas descartáveis, absorventes íntimos;
- Nitrocelulose: componente de verniz, tintas especiais e para impressão, esmaltes, cosméticos e explosivos;
- Viscose e outras celuloses regeneradas: fibra utilizada na indústria têxtil (vestuário, decoração, etc.), esponjas, película de celofane para embalagem de alimentos e invólucro de salsichas, filamentos para pneus, correias e mangueiras de alta pressão;
- Éter de celulose e celulose microcristalina: espessantes para cosméticos, pasta dentífrica e alimentos industrializados (bebidas lácteas, molhos, etc.), cápsulas para medicamentos (drageias), retardantes de cristalização para gelados e doces;



## E está em vários outros usos

- Decoração: painéis termolaminados;
- Acetato de celulose: película para ecrãs LCD, filtros para cigarros, resinas para armações de óculos e cabos de ferramentas, forros, tapetes;
- Nanocelulose: componentes eletrónicos, nanocompósitos, pele artificial para cicatrização de feridas e queimaduras, etc.
- Óleos essenciais (cineol) utilizados na medicina natural, e produção de detergentes e cosméticos;
- Fenólicos a partir dos sobranes florestais ou da lenhina da madeira, com propriedades nutricionais e antioxidantes para utilização em vários setores industriais;
- Polímeros a partir da lenhina da madeira ou licor negro, para aplicações em espumas, adesivos e resinas;
- Bioenergia (a partir da queima de biomassa ou licor negro): energia térmica, eletricidade;
- Biocombustíveis (a partir dos açúcares da madeira e biomassa): etanol. **PF**

## UM GRANDE IMPACTO SOCIOECONÓMICO

A fileira do eucalipto é um setor com elevado Valor Acrescentado Nacional e contribuinte líquido para a balança comercial de bens, pois as suas exportações compensam largamente as importações. Portugal ocupa um lugar de destaque no setor da pasta e papel europeu, com um importante impacto socioeconómico no país:

- **4,3%** das exportações nacionais de bens\*;
- **50%** das exportações dos produtos de base florestal em Portugal\*;
- **11 806** empregos diretos e várias dezenas de milhares de empregos indiretos e induzidos\*\*;
- **2 350 milhões** de euros de volume de vendas (1,2% do PIB)\*;
- **174** mercados internacionais compram papel e cartão produzidos em Portugal (na pasta, são mais de 30 mercados)\*;
- **2.º** maior produtor de papel UWF na Europa (18,1% do total)\*;
- **3.º** maior produtor de pastas químicas na Europa (9,3%)\*.

\*Valores de 2020. \*\*Valores de 2018.

Fontes: Boletim Estatístico CELPA 2020; What a Tree Can do?, CEPI 2018; Indústrias de Base Florestal – Estatísticas Setoriais, DGAE 2020; Guia do Eucalipto – Oportunidades para um desenvolvimento sustentável, CIB 2008; As Árvores Plantadas e seus Múltiplos Usos, IBÁ 2000; www.florestas.pt



# FIBRA DE EUCALIPTO *GLOBULUS* ESTÁ A INOVAR O PAPEL

Naturalizado por quase dois séculos de presença na floresta nacional, o *Eucalyptus globulus* é uma das poucas espécies florestais no mundo com a versatilidade e qualidade para a produção de papéis tão diversos, como os papéis higiénico-sanitários, impressão e escrita, decor, para uso em filtros ou sacos de chá. E, ao contrário do que até aqui se conhecia, também é matéria-prima muito adequada para diferentes tipos de embalagem, sendo uma alternativa mais sustentável quer às fibras longas do norte da Europa, quer à utilização das embalagens de plástico.

As qualidades excecionais do *Eucalyptus globulus* para uso industrial residem nas suas fibras curtas e homogéneas, com pequeno diâmetro e paredes espessas, que lhes conferem mais massa volúmica, opacidade, flexibilidade e elasticidade, na comparação com outras madeiras utilizadas na produção de celulose.

No papel de impressão e escrita, a fibra de *E. globulus* sobressai na resistência, elevada brancura e volume específico, entre outras virtudes, enquanto no papel de uso higiénico-sanitário (tissue) distingue-se pela suavidade e capacidade de absorção.

## Mais ciclos de reciclagem

A morfologia e estrutura molecular da fibra virgem deste eucalipto foi reconhecida pelo RAIZ - Instituto de Investigação da Floresta e Papel por potenciar mais ciclos de reciclagem face a outras fibras papeleras (mais 2 a 6 ciclos). Já relativamente

à produtividade florestal, o eucalipto produzido em Portugal apresenta valores cinco a sete vezes superiores em comparação com o pinheiro nórdico, que alimenta a indústria de pasta e papel do norte da Europa.

São estas qualidades do *Eucalyptus globulus*, bem como a capacidade de produzir uma madeira de maior densidade e melhor rendimento industrial, que destacam a fileira da pasta e papel nacional na Europa e no Mundo.

Para além de utilizar matéria-prima única para produtos papeleros de qualidade, este setor aposta na inovação e desenvolvimento de bioprodutos que são a preferência dos consumidores de hoje. Algumas das mais recentes novidades no uso do papel estão apresentadas na página ao lado. **PF**

**O *Eucalyptus globulus* é uma das poucas espécies florestais no mundo com a versatilidade e qualidade para a produção de papéis tão diversos, como os papéis higiénico-sanitários, impressão e escrita, decor, para uso em filtros ou sacos de chá.**

▼ O Instituto RAIZ tem liderado a investigação e desenvolvimento para diferentes usos do papel



▲ A fibra virgem de eucalipto favorece a suavidade no papel de uso doméstico



## UMA EMBALAGEM AMIGA DO AMBIENTE

As alterações climáticas estão a transformar a vida no planeta e a apressar a economia para processos produtivos a partir de fibras naturais, renováveis, recicláveis e biodegradáveis – características que estão reunidas em materiais com origem na floresta e, por isso, mais amigos do ambiente. Foi com este propósito que foi lançada uma nova linha de papéis para packaging, a partir de fibra virgem de eucalipto – a marca gKRAFT, com chancela da The Navigator Company –, que atende às necessidades de embalagem para diversos setores. A nova marca gKRAFT divide-se em três segmentos dirigidos a necessidades específicas do mercado:

- a FLEX, indicada para embalagens flexíveis e destinadas à indústria alimentar, restauração e comércio farmacêutico;
  - a BAG, destinada a embalagens para produtos de retalho (usada já por grandes marcas internacionais como a Zara, Victoria Secret, Desigual, Nike, Museu Cristiano Ronaldo ou Real Madrid, que adotaram o papel Navigator para os seus sacos de papel);
  - a BOX, focada em papel de maior resistência, para caixas de cartão canelado com destino à indústria e ao retalho, nomeadamente no comércio alimentar, que necessita de embalagens funcionais em ambientes refrigerados.
- Para além de providenciar embalagens mais leves e com a mesma resistência, esta nova gama de papéis para packaging é, também, mais segura e higiénica para o contacto com a pele e alimentos. O papel gKRAFT da Navigator está aprovado pelo ISEGA, instituto alemão de certificação de produtos de embalagem, bem como pelo InnovHub em Milão, que garante total segurança para a indústria alimentar – por exemplo, na produção de caixas para pizza, um mercado no qual o papel gKRAFT já entrou.

## PAPEL DE COZINHA COM SABÃO INCORPORADO

Uma nova geração de papel multiusos “2 em 1” veio simplificar o dia-a-dia na limpeza doméstica e profissional. Distinguido como produto “Cinco Estrelas 2022” na preferência dos consumidores, o papel de cozinha com tecnologia Aquactive™, da gama Amoos, da The Navigator Company, liberta uma espuma com sabão e uma fragrância de limão quando entra em contacto com a água.

Para além de se tratar de uma solução de limpeza mais higiénica na comparação com os tradicionais panos de cozinha, pois evita a acumulação de germes e bactérias, este papel feito com fibra virgem de eucalipto apresenta uma elevada resistência, que permite absorver e limpar qualquer sujidade sem que a folha se desfaça.

A inovação desenvolvida no Amoos Aquactive™ salvaguarda também os cuidados com a pele, pois o material fibroso utilizado é dermatologicamente testado e o sabão é produzido à base de aditivos de origem natural.

## PAPEL HIGIÉNICO MAIS SUAVE E NATURAL

A fibra de eucalipto favorece a suavidade no papel de uso doméstico, qualidade que é imprescindível para os consumidores no mercado dos papéis higiénicos. O uso de papel para fins higiénicos foi mencionado pela primeira vez por escritores chineses, no século II a.C, mas só em 1891 é que foi registada a primeira patente do rolo de papel higiénico como o conhecemos, perfurado e com picotado nas folhas. Passados 130 anos da invenção do norte-americano Seth Wheeler, o papel higiénico continua a inovar, como prova a nova gama Amoos® Naturally Soft da The Navigator Company, que não utiliza quaisquer químicos branqueadores. Dermatologicamente testada, a gama dos produtos Naturally Soft™ (inclui também guardanapos) está apta para contacto com peles delicadas, tendo por base fibra virgem de eucalipto proveniente de florestas plantadas e certificadas pelo Forest Stewardship Council® (FSC®) (FSC-C008924).

# COMBATER O ABANDONO PARA VOLTAR A INVESTIR

**A recuperar dos incêndios de 2018 em Monchique, a associação algarvia reconhece que os produtores da região estão a sofrer com “os mesmos erros” de políticas que continuam a desincentivar o investimento na floresta.**

“O problema da floresta não está nos que estão lá; está nos que a abandonaram. E parece que estamos a incentivar ainda mais abandonos.” As palavras são de Nuno Fidalgo, presidente da ASPAFLOBAL – Associação dos Produtores Florestais do Barlavento Algarvio, explicando que um dos maiores desafios da sua associação “é chamar os proprietários, que são os principais atores do território”, para depois se proceder às mudanças necessárias.

“Estamos a cometer os mesmos erros e a decidir de cima (de Lisboa) para baixo, sem perceber em que condições os proprietários estão dispostos a voltar a investir e a gerir o seu património”, prossegue Nuno Fidalgo, apesar de considerar positivas as medidas tendentes ao emparcelamento que têm sido adotadas nos últimos anos.

“Seria muito importante evitar que um terreno tenha 7, 10 ou 20 herdeiros, porque se torna ingerível e com grande probabilidade de ser abandonado. Mas não podemos, por outro lado, estar a impor exigências incomportáveis a quem trabalha a floresta e se sente algo discriminado

por estas recentes iniciativas legais que podem conduzir ao abandono desta atividade”, acrescenta o líder da ASPAFLOBAL, referindo-se, por exemplo, à imposição da retirada de sobrantes de áreas suscetíveis à desertificação dos solos.

## Atividade associativa desde 1985

Engenheiro de Recursos Naturais, Nuno Fidalgo está há ano e meio na liderança da ASPAFLOBAL e leva 15 anos de experiência na floresta do Barlavento Algarvio. “Herdeu” a presidência de Emílio Vidigal, que se mantém como presidente do Conselho Fiscal. “Quis que houvesse esta continuidade e que de certa maneira fiscalizasse e validasse a nova direção”, diz Fidalgo, referindo-se a uma entidade que desenvolve ações de promoção e proteção do património florestal da região algarvia desde 1985, com estatuto de utilidade pública desde 2010.

Ao longo dos anos, a ASPAFLOBAL sempre procurou o equilíbrio, tentando introduzir as técnicas mais atuais, para conciliar a produtividade com a perenidade dos seus recursos naturais, pois “a floresta do barlavento algarvio também é sobreiros,

◀ A ASPAFLOBAL destaca o papel das autarquias locais na proteção dos territórios rurais

**A Resolução do Conselho de Ministros 50/2020, que “diabolizou o eucalipto”, criou um problema para os produtores florestais do Barlavento Algarvio. “O que está a acontecer é o abandono do território”, sublinha Nuno Fidalgo.**

medronhais, pinhais, entre outros”, recorda o líder associativo.

Sublinhando a crescente dificuldade do trabalho associativo em todo o país, o dirigente reconhece o valor da intervenção das autarquias nestes últimos anos, que, “de forma diferenciada e dentro das suas limitações financeiras e legais, têm tentado proteger os seus territórios e substituir-se aos proprietários ausentes e até ao Governo, mesmo em coisas que parecem tão simples como a extensão rural”.

## Plano de Paisagem

Problema difícil para os produtores florestais do Barlavento Algarvio é a Resolução do Conselho de Ministros 50/2020, que “diabolizou o eucalipto”. Em vez do pretendido Programa de Reordenamento e Gestão da Paisagem das Serras de Monchique e Silves, “o que está a acontecer é o abandono do território”, refere Nuno Fidalgo.

“O reordenamento tornou-se uma fonte de condicionamentos e o referido financiamento para reconversão tarda, com várias reprovações para reconverter áreas de eucaliptos, inclusive com redução de área desta espécie em benefício de outras espécies autóctones. É obvio que os profissionais do setor florestal também não pretendem a continuidade do ‘mau eucalipto’, pois existem vários hectares com povoamentos plantados há mais de 40 anos, já sem capacidade produtiva”, lamenta o presidente da ASPAFLOBAL, reconhecendo a necessidade de gerir a paisagem e criar descontinuidades.

## Eucalipto é sustentável

“O eucalipto, em Monchique, é sustentável. Ao contrário do mito popular, o eucalipto não esgota nada. Se o fizesse, a indústria não continuava a reinvestir nos mesmos locais. Qual seria a lógica de esgotar o sustento do seu rendimento, que é o solo fértil?” questiona Nuno Fidalgo, ciente de que esta espécie é essencial para a economia da região. Quanto a outro mito – no eucaliptal não nasce mais nada –, o dirigente tem a explicação: “É porque a vegetação é controlada regularmente nos terrenos geridos, como forma de proteger o investimento.



▲ Nuno Fidalgo assumiu a presidência da associação algarvia em 2020, já durante a pandemia

Os povoamentos sem gestão ativa, seja de que espécie forem, têm todo o tipo de vegetação e, esses sim, podem potenciar os incêndios. Em 2018, vimos o fogo a parar em alguns eucaliptais geridos, enquanto sobreiros, consideradas ‘árvores bombeiras’, ficaram totalmente carbonizadas. E no incêndio de Castro Marim, em 2021, praticamente não existiam eucaliptos. De facto, temos um problema de gestão e não de espécie.”

Em Monchique, o coração da floresta de produção algarvia, a média do rendimento anual gerado pela floresta com lenho e cortiça era cerca de 8 milhões de euros até 2018, ano do grande incêndio. Agora, a ASPAFLOBAL estima que ande pela metade, mesmo sem contabilizar serviços associados (reconversões, limpezas, desbastes, etc.), em grande parte fornecidos por empresas locais. **PF**



ASPAFLOBAL

**ASSOCIADOS:** 117 (recontagem de 2010)

**ÁREA FLORESTAL ABRANGIDA:** 25 mil hectares de floresta, com cerca de 45% de eucalipto, 30% de sobreiro, 15% de medronheiro, 5% de pinheiro-manso e 5% de outras espécies.

## CONCELHOS DE INFLUÊNCIA:

Monchique (sede), Portimão (núcleo), e limitrofes.

## CONTACTOS:

**Facebook:** <https://www.facebook.com/aspaflobal>

**Telefone:** 282 425 406

**E-mail:** [aspaflobal@gmail.com](mailto:aspaflobal@gmail.com)

# CAMINHOS E ACEIROS AJUDAM NA DEFESA DA FLORESTA

**A rede viária das florestas serve de suporte à gestão florestal e, juntamente com a silvicultura preventiva, torna os espaços florestais mais resilientes, reduzindo o risco dos incêndios e a sua perigosidade.**

As infraestruturas florestais, nomeadamente a sua rede viária e divisional, são fundamentais na organização do espaço florestal. Estas prendem-se com a necessidade de providenciar passagem para os povoamentos de todos os produtos (plantas, adubos, etc.), equipamentos, maquinaria e pessoal, facilitando a logística necessária à gestão dos espaços florestais, além de agilizar a retirada de produtos (madeira e sobranes) e de, não menor importância, auxiliar na prevenção, deteção e criação de oportunidades de combate aos incêndios.

A propensão para parte do território nacional arder depende, essencialmente, da quantidade de combustível acumulado na superfície do solo e da sua estrutura vertical e horizontal, independentemente da espécie florestal. A ideia é defendida há muito pela investigação florestal e explica por que razão a silvicultura preventiva e a gestão ativa são fundamentais para a resiliência dos espaços florestais. Em complemento, a construção e manutenção de caminhos e corta-fogos internos (faixas de terreno aberto) impede a progressão dos incêndios, permitindo ainda a circulação das equipas de combate para uma atuação rápida e em segurança.

A importância da rede divisional na defesa contra incêndios tem aumentado, incluindo a necessidade da criação de faixas destinadas a providenciar uma descontinuidade na paisagem, visando protegê-la. Designadas por aceiros, podem tratar-se de faixas sem coberto arbóreo e com realização periódica de limpeza da vegetação espontânea (aceiros ou aceiros limpos); faixas onde é mantida vegetação arbórea com menor densidade e é feito o controlo do desenvolvimento do estrato arbustivo (aceiros com vegetação); ou ainda faixas ocupadas somente com vegetação herbácea.

## Regras de manutenção

Elementos essenciais de suporte à gestão florestal, os caminhos e aceiros devem ser planeados atempadamente e construídos aquando da preparação do terreno, de acordo com o projeto florestal aprovado. Posteriormente, deverão ter manutenção periódica para regularizar o piso e limpar as valas de drenagem.

A manutenção dos aceiros e das faixas de proteção aos caminhos deve ser feita através do controlo da vegetação entre as árvores, para manter uma densidade de biomassa baixa. Para isso, podem ser usados métodos mecanizados, químicos ou motomanuais, consoante o tipo de vegetação e as condições do terreno.

## Recomendações a seguir

A construção de caminhos e aceiros segue um conjunto de recomendações que devem constituir qualquer plano de gestão florestal:

- A interligação dos caminhos florestais com a restante rede viária da região, para permitir a circulação de veículos no apoio à atividade de instalação, manutenção e exploração, bem como apoiar a intervenção no combate a incêndios;
- A adequada condução da água para fora destas vias, através da construção de corta-águas e valas de drenagem;
- A necessidade de prever o cruzamento e inversão de marcha de veículos, nomeadamente veículos pesados;
- No caso dos aceiros, a sua disposição deve tirar partido de obstáculos ao fogo, como bermas de estradas e caminhos. **PF**

**A importância da rede divisional na defesa contra incêndios tem aumentado, incluindo a necessidade da criação de faixas corta-fogos destinadas a providenciar uma descontinuidade na paisagem, visando protegê-la e permitindo oportunidades de combate.**



# UM NOVO ALENTO NA FLORESTA EM MORTÁGUA

Com cerca de 90% do território de Mortágua, a floresta é fonte de rendimento, emprego e desenvolvimento da região

## O Município de Mortágua e a CELPA – Associação da Indústria Papeleira juntaram vontades e esforços num programa que visa a recuperação do potencial produtivo de 800 hectares de áreas ardidas de minifúndio.

Os proprietários florestais da região de Mortágua afetados pelos incêndios ganharam um novo alento na recuperação dos seus terrenos para produção florestal, mas também na redução do risco de incêndio naquele território. A esperança está a ser concretizada num projeto piloto desenvolvido e financiado pela CELPA – Associação da Indústria Papeleira, em parceria com a Câmara Municipal de Mortágua, que irá recuperar uma área ardida de 800 hectares, maioritariamente abandonada e de elevado potencial produtivo, num dos concelhos com maior apetência e vocação para a exploração de eucalipto. No final do atual processo de cadastro, estima-se que sejam beneficiados mais de 1 200 proprietários. “Queremos contrariar o abandono na floresta e



▲ António Sousa Macedo (à direita, na foto ao lado) com a equipa do Melhor Eucalipto, da CELPA, que está a apoiar no desenvolvimento da floresta de produção

ajudar a recuperar o potencial produtivo desta região, pois em cerca de 70% destes 800 hectares não se viu presença humana desde 2017, nem os proprietários tiveram ajudas diretas na recuperação dos povoamentos ardidos”, afirma António de Sousa Macedo, coordenador do Programa de Recuperação de Ardidos em Mortágua. A CELPA, através da Navigator e da Altri, veio demonstrar que o trabalho pode ser realizado, mesmo tardiamente, efetuando uma efetiva transformação da paisagem, com benefício para os proprietários e para a comunidade local.

Inserido no Projeto Melhor Eucalipto, o programa operacional em Mortágua arrancou em novembro de 2021, com uma ação de divulgação na freguesia do Freixo, e logo conquistou a adesão de cerca de 70 proprietários, cuja única intervenção é autorizar e facilitar as operações de limpeza de matos e materiais ardidos, bem como a seleção de varas, nos seus terrenos.

### Mais proteção e rendimento

Paulo Silva é um de três irmãos proprietários florestais que estiveram entre os primeiros a aderir ao programa e, por isso, a sua parcela de 9 hectares já foi intervencionada. “Fiz uma plantação depois do incêndio de 2017, mas apareceram as acácias e os matos. Vou limpando como posso a minha floresta, mas com os incêndios e as invasoras, além da falta de mão de obra, é uma tarefa muito difícil”, afirma. O eucalipto é plantado nas propriedades de Paulo Silva desde a década de 1980, no tempo dos seus ▶

**“O projeto está a ajudar a criar uma nova dinâmica. Muitos proprietários estão a aderir convictos que os seus terrenos vão ter mais rendimento no futuro”, diz Filipe Fonseca, da CERNE.**



## PROMOVER A PRODUTIVIDADE

pais. “Na altura não havia motosserras e as árvores eram cortadas com serrote”, lembra, reconhecendo uma “evolução interessante” nesta silvicultura. “Como a espécie tem uma fonte de rendimento muito boa, começámos a fazer uma plantação ordenada, para podermos utilizar máquinas para a limpeza dos matos e tirar madeira”, prossegue. A infraestrutura existente facilitou a intervenção nesta limpeza, que foi feita em poucas semanas, entre final de dezembro do ano passado e janeiro deste. “As linhas de plantação foram limpas mecanicamente, com uma lâmina e grade de discos, e ficou ótimo. Eu demoraria meses a fazer isto”, exclama, sublinhando as vantagens que encontra neste projeto em Mortágua: “A floresta está mais defendida dos incêndios e o desenvolvimento do eucalipto é melhor, com madeira mais valorizada pela indústria.”

### Trabalhos feitos com prestadores locais

Na linha da frente desta iniciativa da CELPA está a CERNE Agroflorestal, empresa prestadora de serviços e de consultoria florestal, sediada no Município de Mortágua, com profundo conhecimento da realidade rural da região, e que é parceira da indústria na ligação com os proprietários.

▼ A área de intervenção está localizada a sul de Mortágua, entre a EN228 e o IP3



“Estamos a fazer a identificação dos proprietários, a delimitação das parcelas existentes e a caracterização da vegetação e espécies florestais”, esclarece Filipe Fonseca. “Numa segunda fase, coordenamos os trabalhos a realizar e procuramos os melhores prestadores a melhor preço, sempre com supervisão de técnicos da CELPA”, acrescenta o responsável da CERNE.

Os trabalhos deverão prolongar-se até abril e estima-se que no final sejam identificados para cima de 1 200 proprietários na área de minifúndio abrangida pelo programa. “Temos encontrado parcelas muito heterogéneas em termos de dimensão – entre 1 000 m<sup>2</sup> e 9 hectares –, algumas com povoamentos já alinhados, mas muitas desordenadas e sem qualquer tipo de intervenção no pós-incêndio”, prossegue Filipe Fonseca.

▼ Filipe Fonseca, da CERNE, tem estado a identificar proprietários e parcelas, para depois avançar para os trabalhos necessários



### Boa adesão dos proprietários

Votada ao abandono, também pela incapacidade financeira dos proprietários para a sua recuperação, a floresta pós-incêndio fica vulnerável ao aparecimento de espécies invasoras e à regeneração natural de eucalipto, pinho e matagais, fatores que promovem a competição entre espécies e conseqüente redução do potencial de produtividade, agravando ainda o risco de novo incêndio.

“As pessoas estavam muito desanimadas depois dos últimos incêndios e este projeto está a ajudar a criar uma nova dinâmica. De resto, a receptividade tem sido muito boa e o ‘passa a palavra’ tem levado a que muitos proprietários nos tenham contactado para aderir ao programa, convictos que os seus terrenos vão ter mais rendimento no futuro”, refere Filipe Fonseca. Acresce que as áreas abrangidas pelo programa irão entrar automaticamente nas próximas campanhas do Limpa e Aduba, programa da CELPA que oferece adubações de manutenção em povoamentos de eucalipto previamente limpos de matos. **PF**



Antes



Depois

**“A floresta está mais defendida para os incêndios e o desenvolvimento do eucalipto é melhor, com madeira mais valorizada pela indústria”, afirma Paulo Silva, um dos primeiros proprietários a aderir ao programa.**

► Paulo Silva não tem dúvidas que, sem uma intervenção mecanizada, demoraria meses a limpar a sua propriedade



## AUTARQUIA APOIA QUEM TRATA DA FLORESTA

A área florestal de Mortágua ocupa 90% do território do concelho, sendo fonte de riqueza, emprego e desenvolvimento da região. “A floresta é a bandeira da nossa economia e é tratada pelos proprietários como se fosse agricultura, uma floresta cultivada maioritariamente com eucalipto”, afirma Luís Filipe Rodrigues, vice-presidente da Câmara Municipal de Mortágua, justificando as razões pelas quais o município acarinha o projeto “desde a primeira hora”. “Os proprietários da região não são absentistas, mas o incêndio de 2017 criou algum desalento para quem tem uma fonte de rendimento na floresta, com uma dinâmica quase empresarial, de produção. Por isso, era necessário um incentivo para os que tratam da floresta”, acrescenta o autarca de Mortágua, responsável pelos pelouros do Ordenamento do Território e Recursos Naturais, e Proteção Civil. A intervenção do programa irá promover a descontinuidade numa extensa área de floresta, diminuindo a carga de combustível que nasceu e ficou disponível no pós-incêndio. Pela sua parte, o município participa com a “gestão do condomínio”, como refere Luís Filipe Rodrigues. “Vamos dar o nosso enfoque nos caminhos florestais, pontos de água, infraestruturas florestais que são do domínio público e que serão

**Luís Filipe Rodrigues, vice-presidente da Câmara Municipal, destaca parceria com a indústria, que “é consumidora da nossa floresta e investe na investigação, apoio e melhoramento da floresta cultivada que temos em Mortágua”.**

intervencionadas pela Câmara a par e passo”, adianta. O autarca destaca ainda a importância da indústria no desenvolvimento da floresta. “A fileira da pasta e papel e da biomassa tem uma dinâmica forte e boa relação com a produção florestal privada e, por isso, somos parceiros. Esta indústria é consumidora da nossa floresta, mas também traz know-how, investe na prevenção florestal do território, e investe na investigação, apoio e melhoramento da floresta cultivada que temos em Mortágua”, conclui.

# RENASCER DA ESPERANÇA EM PEDRÓGÃO

**Há uma nova vida no concelho de Pedrógão Grande. Um projeto modelo de reflorestação em mosaico está a estimular o investimento e a biodiversidade dos povoamentos, mas também a resiliência da floresta.**

Passados quase cinco anos sobre os incêndios que deixaram marcas profundas no concelho de Pedrógão Grande, um projeto piloto e emblemático está a mudar a floresta da região. Dá pelo nome de “Replantar Pedrógão”, é promovido pela CELPA - Associação da Indústria Papeleira e mobiliza proprietários, associações e poder local em torno de uma floresta que é nova e, acima de tudo, diferente da que existia. Depois de cerca de 100 hectares plantados na primavera de 2021, obedecendo às melhores práticas e estimulando o investimento a par da biodiversidade, nasce também uma nova esperança para as populações locais. “Replantar Pedrógão” é um “oásis” na recuperação da

floresta dos pequenos proprietários em Portugal. Esta ação reforestou os terrenos de 32 proprietários locais, numa iniciativa que visou agregar pessoas e melhorar a floresta, otimizando e facilitando a sua gestão, bem como estimular o investimento e a biodiversidade dos povoamentos, assim como a diminuição dos riscos associados aos incêndios. No fundo, um exemplo de como se pode fazer boa floresta em minifúndio. Esta ação mobilizadora está também a revigorar e dar um novo ânimo a uma população rural que tem desesperado por apoios e medidas para recuperar a vida na floresta, base de desenvolvimento social e económico da região, mas cujo retorno é sistematicamente comprometido pelo abandono,

**Este projeto de reflorestação é apoiado pela CELPA – Associação da Indústria Papeleira, que financiou integralmente os custos de elaboração dos projetos de licenciamento e a preparação dos terrenos, e ainda ofereceu plantas e adubos.**

## BILHETE DE IDENTIDADE

### LOCALIZAÇÃO:

Áreas florestais de 32 proprietários no concelho de Pedrógão Grande

### ÁREA TOTAL:

92,7 ha de superfície rearborizada

### ESPÉCIES FLORESTAIS PLANTADAS:

69,5 ha de eucalipto (plantas clonais e seminal melhorada); 17,1 ha de medronheiro; 4,9 ha de pinheiro-bravo; e 1,2 ha de folhosas autóctones

### OUTRAS MELHORIAS:

32 km de construção e beneficiação de caminhos e aceiros



a ausência de gestão e a fragmentação da propriedade. Promovido pela CELPA - Associação da Indústria Papeleira, que financiou integralmente os custos de elaboração dos projetos de licenciamento e a preparação dos terrenos, e ainda ofereceu plantas e adubos, o programa tem o apoio técnico da Altri e da

▼ As parcelas dos lotes intervencionados junto ao rio Zêzere foram rearborizadas com diferentes espécies florestais, incluindo medronheiro, pinheiro-bravo e carvalhos



Navigator e aposta numa paisagem de mosaico que recupera a produtividade florestal de eucalipto, a par da introdução de outras espécies, como medronheiro, pinheiro-bravo e folhosas autóctones. Os proprietários beneficiam ainda da construção e manutenção de mais de 30 quilómetros de caminhos e aceiros, custeando apenas os serviços de plantação.

**“O facto de se tratar de um programa simples, profissional e desburocratizado, e, sobretudo, por haver ação concreta no terreno, motivou a mobilização dos proprietários”, explica Tânia Ferreira, da APFLOR.**

### Simple, profissional e desburocratizado

“A adesão dos proprietários superou as nossas expectativas”, afirma Tânia Ferreira, da Associação dos Produtores e Proprietários Florestais do Concelho de Pedrógão Grande (APFLOR), entidade envolvida na promoção, divulgação e angariação de proprietários de áreas ardidas de eucalipto e em subprodução, para além de acompanhar a execução das operações de reflorestação.

“O facto de se tratar de um programa simples, profissional e desburocratizado e, sobretudo, por haver ação concreta no terreno, motivou a mobilização dos proprietários”, diz Tânia Ferreira, destacando alguns dos méritos do projeto: “As mais-valias passam pela certificação florestal, pela redução do risco de incêndio, pelas boas práticas na preparação do terreno e na plantação, assim como no apoio técnico continuado, o que promove a confiança e a sustentabilidade do programa junto dos proprietários.”

Os trabalhos desenvolvidos neste projeto piloto estarão concluídos até ao início do verão, mas o sucesso da iniciativa já levou a CELPA a decidir avançar para uma ►

**“Este projeto traz para o terreno o know-how da indústria, e esta partilha de conhecimento é, sem dúvida, um excelente contributo”, afirma Sofia Ramos, do GTF de Pedrógão Grande.**

segunda fase. Serão mais cerca de 80 hectares, cujas áreas estão a ser agregadas e identificadas, e os seus proprietários convidados a participar e a beneficiar de uma gestão florestal certificada, que lhes vai proporcionar um maior rendimento.

### Gestão apropriada da floresta

“Este tipo de iniciativas é importante para o ordenamento da floresta no concelho, na medida em que trabalha com os proprietários de forma agrupada, permitindo a instalação e a gestão de povoamentos com escala territorial, e relevância ao nível do desenvolvimento social, económico e ambiental”, afirma Sofia Ramos, do Gabinete Técnico Florestal (GTF) do Município de Pedrógão Grande. “O recurso a técnicas adequadas de instalação e de manutenção dos povoamentos, incluindo a utilização de plantas melhoradas, aumenta a produtividade, o que, consequentemente, irá aumentar o rendimento para os proprietários”, prossegue a técnica florestal, salientando “o respeito pelos ecossistemas enquanto são realizadas as intervenções e a introdução de outras espécies, o que aumenta a diversidade específica existente”. “É um projeto muito interessante”, acrescenta Sofia Ramos, desejando que no futuro haja maior expressão na área dedicada à floresta autóctone, correspondente a 25%.



▲ A reflorestação beneficiou cerca de 100 hectares de 32 proprietários

Os problemas identificados no concelho de Pedrógão Grande são idênticos aos que se verificam na região centro, nomeadamente a pequena dimensão da propriedade e a continuidade florestal, mas também “a problemática das invasoras, que surge muito associada ao abandono e à recorrência dos incêndios, e os cemitérios de árvores pós-incêndio”, sublinha a colaboradora do Gabinete Técnico Florestal. “A existência de zonas com eucaliptos, pinheiros, sobreiros, entre outras espécies, que arderam, morreram, e lá permanecem, são autênticos ninhos de pragas que colocam em perigo a floresta saudável”, avisa. Problemas minorados com uma gestão apropriada da floresta, que permite implementar técnicas de forma sustentável e menos dispendiosa, como aquela que é exemplificada pela indústria do papel no Replantar Pedrógão. “Este projeto traz para o terreno o know-how da indústria, e esta partilha de conhecimento é, sem dúvida, um excelente contributo”, conclui Sofia Ramos. **PF**

## A FLORESTA É IMPORTANTE NA ATIVIDADE DA REGIÃO

Uma das áreas intervencionadas no projeto Replantar Pedrógão está localizada mesmo à beira da mítica Nacional 2, estrada que atravessa a zona Este de Pedrógão Grande, a meio caminho entre Tojeira e a sede do concelho. “Temos uma área de 18 hectares que já estava numa terceira rotação de eucalipto e fazia todo o sentido ser reconvertida”, afirma Rita Carvalho, uma jovem licenciada em ciências florestais que ajuda na gestão da empresa de exploração florestal da família. “Esta parcela tinha enormes cepos que dificultavam a chegada e uma produtividade reduzida a um terço da sua capacidade com a rebentação dos cepos. Agora, está uma propriedade que é um exemplo, com o compasso certo entre árvores, e uma dinâmica de biodiversidade ao longo de uma linha de 10



◀ Rita Carvalho destaca a nova dinâmica na propriedade da família

metros junto à N2”, acrescenta, explicando porque escolheram plantar carvalhos para compor o mosaico florestal da propriedade: “Quisemos uma espécie que tem o nome da família.” Rita Carvalho reconhece que sem o apoio da indústria “seria muito mais complicado” melhorar a floresta. “Um projeto deste tipo é bom para uma região como esta, que desenvolve grande atividade no setor florestal. É bom para as fábricas, porque as coisas vão ser feitas como devem ser feitas, mas também para os proprietários, que aliviam a sua carteira com os custos das operações florestais”, refere. **PF**



## DINA DUARTE, PRESIDENTE DA ASSOCIAÇÃO DE VÍTIMAS

**“FAZ PARTE DO QUE PODE VIR A SER A FLORESTA IDEAL”**

“Infelizmente, e apesar das promessas feitas em 2017 e 2018, muito pouco ou quase nada foi feito na floresta desta região.” O abandono a que está votado o território destruído pelo fogo de Pedrógão, que também passou por Figueiró e Castanheira de Pera, justifica o desabafo de Dina Duarte, mas a presidente da Associação de Vítimas do Incêndio de Pedrógão (AVIP) vê uma luz ao fundo do túnel. “O projeto de reflorestação apresentado pela CELPA é o único efetivo na região, com uma plantação estruturada e organizada, que faz parte do que pode vir a ser a floresta ideal.” Dina Duarte gostou do que viu nas áreas reflorestadas pela CELPA – “percebe-se bem a diferença entre o que está organizado e o que não está” –, desejava que existissem ainda mais espécies, “para lá daquelas que foram plantadas”, e reconhece que “o

eucalipto é, efetivamente, em termos de riqueza e produção, uma solução para os proprietários”. “De resto, uma plantação organizada será mais difícil de ser penetrada pelo fogo. Mas se isso acontecer, tem condições para tornar mais fácil o combate ao incêndio”, prossegue.

### Depósito a prazo dos proprietários

Apontando a divisão da propriedade, demasiado reduzida, como o maior problema para o desenvolvimento do Interior, a presidente da AVIP recorda a importância socioeconómica da floresta. “A floresta foi sempre uma forma de os nossos avós, pais, e até alguns de nós, conseguirem ter uma rentabilidade. Era o nosso depósito a prazo. Ter uma plantação de pinheiro ou eucalipto permitia que, em determinada altura da vida, um filho fosse tirar um curso, fosse usada para comprar um carro ou melhorar as condições de vida da própria casa”, acrescenta. Com muitos proprietários sem capacidade para gerir as suas propriedades e muitos herdeiros ausentes, e sem saber que terrenos lhes pertencem, a floresta está hoje ao abandono e “em muitas zonas é uma selva impenetrável”, constata Dina Duarte. “Até os animais foram pressionados a procurar alimento nas aldeias e, por isso, têm acontecido ataques de javalis e até de veados...” E deixa um aviso: “Se nada for feito pela floresta, na prevenção e na limpeza de matos junto às aldeias e vias de comunicação, corremos o risco de termos um qualquer outro 17 de junho, com consequências tão graves como as que tivemos em 2017.” **PF**

**“Uma plantação estruturada e organizada será mais difícil de ser penetrada pelo fogo. Mas se isso acontecer, tem condições para tornar mais fácil o combate ao incêndio”, sublinha Dina Duarte.**

◀ A instalação das novas plantas respeitou as condicionantes da paisagem



# PRÁTICAS DE ADUBAÇÃO MECÂNICA EM POVOAMENTOS FLORESTAIS



**JOSÉ RAFAEL**  
The Navigator Company

A prática da adubação de manutenção é uma atividade necessária para o adequado desenvolvimento dos povoamentos, uma vez que a grande maioria dos solos florestais em Portugal são pobres e não têm capacidade de suprir as necessidades nutricionais das plantas. No caso do eucalipto, é nos primeiros anos de idade que a planta apresenta maiores necessidades de fertilização. A adubação de manutenção é importante para a rentabilidade do produtor florestal, pois promove em média ganhos de produção da ordem de 20 a 30%, que podem ser superiores quando complementados com adequadas técnicas de controlo de infestantes (matos e invasoras), como abordamos na edição n.º 4 desta revista. A adubação à base de azoto e boro, mas também com a inclusão do fósforo, potássio e cálcio (conforme as necessidades de cada povoamento e em cada região), é essencial para manter a sustentabilidade do sistema solo-planta. Informação mais detalhada e customizada para cada situação está disponível na plataforma e-globulus ([www.e-globulus.pt](http://www.e-globulus.pt)). Em média, nos últimos anos, estima-se que foram adubados 40 a 50 000 ha por ano, considerando áreas geridas pela indústria da celulose e privados. No século passado, com mão-de-obra disponível de forma manual, a maioria das adubações era realizada de forma manual, mas hoje, perante a crescente escassez de mão-de-obra, torna-se insustentável a realização de muitas operações florestais. Esta realidade manifesta-se em particular no final do inverno/início da primavera, quando há necessidade de realizar a adubação, na mesma época, com outras operações, tais como a plantação, a sacha e a retanxa. E sabemos que a oportunidade da adubação, assim como das outras operações florestais, é fundamental para assegurar a eficiência e o sucesso das mesmas. Entretanto, a mecanização das operações agrícolas e florestais tem-se desenvolvido muito nos últimos anos.

► Fig. 2 - Pêndulo Nylon de 200 mm (cortado do anterior), para adubação em bandas ou faixas com cerca de 2 m de largura, ao longo das linhas de plantação

O recurso a maquinaria adequada permite satisfazer as necessidades operacionais com maior rapidez e rendimento, e em muitos casos proporcionando uma melhor performance, com melhor qualidade e homogeneidade dos trabalhos.

## Tipo ou técnicas de adubação

- Em povoamentos jovens até aos dois anos e meio de idade – recomenda-se realizar a adubação na linha ou na faixa de plantação, com cerca de dois metros de largura, na área de projeção da copa;
- Em todos os povoamentos em talhadia (após a seleção de varas ou desbaste das toijas) e nas plantações novas com três ou mais anos de idade – recomenda-se realizar a adubação na generalidade da área, mas também é possível efetuá-la em faixas com dois a três metros de largura, ao longo das linhas de plantação.

▼ Fig. 1 - Distribuidor de adubo pendular a adubar em bandas, na área de projeção da copa das árvores (nas linhas de plantação)



Notas importantes:

1. Recomenda-se o controlo prévio do mato e das invasoras infestantes, que competem com a planta florestal pela água e nutrientes, e são um “combustível”, promovendo o risco de incêndio.
2. Na manutenção ou condução de povoamentos de eucalipto deve aplicar-se o adubo na superfície do terreno e desaconselha-se a sua incorporação no solo.

## Características dos equipamentos

### Distribuidores de adubo pendulares [Fig. 1]

Modelos: Vicon “PS 604-754”, Rocha “KP 800 Q” e Tomix “DP 700”

Capacidade: 600-700 L (500-600 kg de adubo e até 800 kg de calcário)

Equipados com os pêndulos: Nylon com 500 mm, com difusor na ponta – para espalhamento na área total (com largura de trabalho até 12 m) [Fig. 3]; Nylon com cerca de 200 mm (igual ao anterior, mas cortado e sem difusor na ponta) – para espalhamento em duas bandas ou faixas, ao longo das linhas de plantação (aduba duas linhas de plantação em simultâneo) [Fig. 2]; Inox com cerca de 300 mm e com difusor na ponta – para espalhamento de calcário na área total (com largura de trabalho de 5-6 m).

▼ Fig. 3 - Pêndulo Nylon de 500 mm, com difusor na extremidade, para adubação na área total, até 12 m de largura de trabalho



### Distribuidores de discos [Fig. 4]

Modelo: “Gaspardo Ciro”;

Capacidade: 600 L (500-550 kg de adubo e até 800 kg de calcário);

Principais características: Distribui adubo ou calcário em bandas ou em faixas, para a esquerda ou para a direita, ou para ambos os lados em simultâneo (ao longo das linhas de plantação ou nestas e em metade da entrelinha), ou generalizado para aplicação na área total (até 12 m de largura de trabalho).

Nota: Também utilizável em terraços.

**Rendimento** (depende do trator, do declive do terreno e da dimensão da parcela a adubar):

- Em adubações na área total e em terreno pouco declivoso – até 30 ha/dia;
- Em adubação em bandas (com duas linhas em simultâneo) – até 20 ha/dia;
- Nas parcelas ou grupo de parcelas anexas que totalizem 20 ou mais hectares facilita a utilização de “big-bags” e a conseqüente redução de plásticos na floresta.

Notas: Em pequenas áreas, no minifúndio, deve privilegiar-se o agrupamento de parcelas entre vizinhos, de forma a facilitar a adubação mecânica no conjunto das áreas; as embalagens do adubo (em saco ou em “big-bag”) devem ser recolhidas e entregues nos pontos de recolha adequados (serviços de recolha de resíduos municipais) .PF

## VANTAGENS DA ADUBAÇÃO MECÂNICA

- Adubadores são adaptáveis a tratores de lagartas e de pneus;
- Alguns modelos estão igualmente adaptados para adubação em terraços;
- Equipamentos são de fácil utilização e estão disponíveis no mercado. São, inclusive, muito utilizados na agricultura (em particular em pomares, vinha e olival);
- Os resultados de dois anos de experiência na Navigator e na CELPA (Programa Limpa & Aduba) indicam que podem substituir operações que atualmente são realizadas manualmente, com maior eficiência de tempo e qualidade, e a um custo equivalente ou mesmo inferior;
- Permite adubar com eficiência na área total, com grande homogeneidade de distribuição dos grãos, embora a grande mais-valia destes equipamentos é possibilitar a adubação em bandas, nas linhas de plantação e debaixo das árvores - em duas linhas em simultâneo, adaptando-se ao compasso de plantação existente.

◀ Fig. 4 - Distribuidor de discos para adubação em bandas (nas linhas de plantação) e para a generalidade da área (retirando as abas metálicas traseiras)



# “É NECESSÁRIO COMPREENDER MELHOR OS PROPRIETÁRIOS FLORESTAIS”

**Equipa liderada pelo investigador Pedro Reis, do INIAV, foi conhecer as práticas, perceções e motivações de quem detém povoamentos de eucalipto, para ajudar a melhorar a gestão e contribuir para o sucesso na produtividade e no negócio.**

Um estudo sobre as práticas utilizadas por quem possui povoamentos de eucaliptos na Região Oeste levou o seu coordenador, Pedro Reis, a considerar como principal conclusão a necessidade de “compreender os proprietários florestais e trabalhar com eles”. “Não se trata, obrigatoriamente, de um trabalho de extensão florestal à antiga, mas são sempre importantes o contacto e o relacionamento pessoal, que, tendo custos, são essenciais para a compreensão mútua entre técnicos e proprietários”, considera o investigador do Instituto Nacional de Investigação Agrária e Veterinária (INIAV), doutorado em Engenharia Agronómica.

“Estes canais de ligação permitem compreender a lógica dos outros e, assim, induzir a mudança, com mais conhecimento, para melhores tomadas de decisão”, diz Pedro Reis à “Produtores Florestais”. Mais de metade (56%) dos 121 proprietários inquiridos revelaram a sua preferência pela transmissão pessoal da informação, muitos não pertencem a qualquer associação florestal ou congénere (37%), ainda são mais (70%) os que não procuram informação e apenas um em cada cinco recebeu formação específica sobre floresta nos últimos cinco anos.

Entre os resultados positivos do estudo está a perspetiva favorável dos proprietários relativamente às suas explorações de eucalipto, verificando-se “tendência para a manutenção ou crescimento

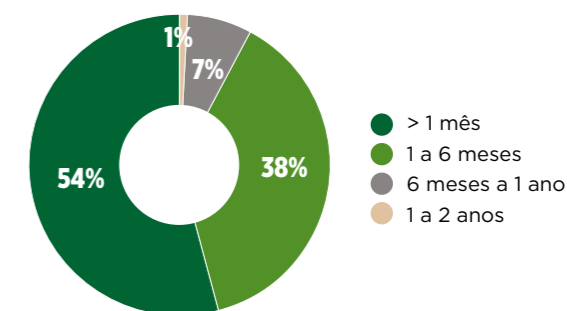
da atividade, a que não deverá ser alheio o baixo risco de incêndio florestal (4% de área ardida nos prédios da amostra, entre 2000 e 2012) e o nível de produtividade potencial dos povoamentos de eucalipto na região”. Na outra face da medalha, a baixa procura de informação e de conhecimento formal, a par da fraca análise económica da atividade, condicionam a capacidade de uma melhor gestão, com consequências na produtividade e no negócio. Para enfrentar estes “handicaps” é necessário, segundo Pedro Reis e os restantes autores do estudo, “um trabalho de esclarecimento, sensibilização e envolvimento na atividade associativa, capacitação técnica e de gestão”.

## Estudo nas freguesias da Asseiceira e Maxial

“Gestão florestal em povoamentos de eucaliptal na Região Oeste: Fatores socioeconómicos” foi elaborado numa parceria entre o INIAV, o Instituto Superior de Agronomia (professoras Ana Novais, Maria João Canadas e o eng.º João Ervedeiro) e a APAS Floresta, com o apoio da Navigator Forest Portugal. A escolha de duas freguesias da Região Oeste (Asseiceira, no concelho de Rio Maior, e Maxial, em Torres Vedras) para o trabalho de campo, que decorreu nos meses anteriores ao início da pandemia, deveu-se ao facto de possuírem diferenças no que respeita à dimensão da propriedade fundiária e estarem inseridas num contexto onde a produtividade é equiparada à média nacional e onde o peso da atividade florestal é relevante. **PF**

## GESTÃO FREQUENTE

Os resultados do inquérito relativamente à frequência de visita aos povoamentos de eucalipto apontam para uma ligação efetiva do proprietário. “Não há indiferença em relação ao investimento”, comenta Pedro Reis, acrescentando no estudo que isto também se traduz na realização de operações de manutenção. O acompanhamento, refere o estudo, é frequente e superior ao esperado. Mais de metade visita o povoamento florestal, com um intervalo de tempo médio inferior a um mês.



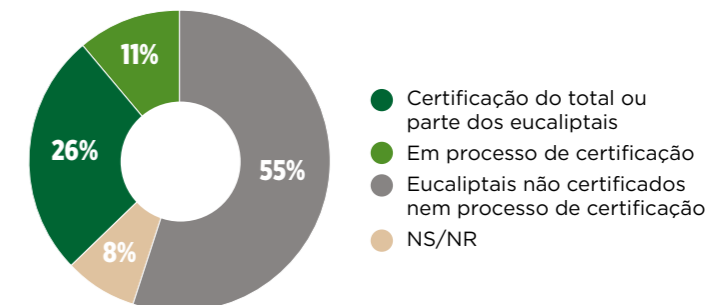
## EXPERIÊNCIA PRÓPRIA

Mais de dois terços dos proprietários fazem a seleção de varas, e, entre estes, mais de três quartos decidem o número de varas confiando na sua experiência e acreditando ser o mais adequado para os seus terrenos. “É uma decisão mais fácil do que a fertilização, menos realizada, e os que fertilizam recorrem maioritariamente ao conselho de outrem, aos técnicos florestais, fornecedores de adubo ou empreiteiros para a fertilização de manutenção”, explica Pedro Reis.



## POUCA CERTIFICAÇÃO

Apenas um terço dos eucaliptais abrangidos pelo estudo na Região Oeste estão certificados ou em processo de certificação, o que está intimamente relacionado com a gestão pouco analítica, pouco assente em números e contas: poucos conhecem a produtividade dos povoamentos; mais de 90% vende a madeira em pé, cerca de metade sem estimativa do volume ou peso vendido; e menos de 30% tem contabilidade ou sequer registo de despesas e receitas.



▼ A APAS Floresta colaborou e promoveu a apresentação do estudo desenvolvido pelo INIAV e o ISA



## HABILITAÇÃO PARA CONDUZIR E OPERAR TRATORES

CARLOS MONTEMOR  
(ACT)



O trabalho florestal pressupõe a utilização do trator, cuja condução/operação é restrita a operadores com formação habilitante para utilizar esse equipamento em segurança, tanto na via pública, como na propriedade privada.

Para apreensão desta problemática, importa atender aos indicadores de sinistralidade. No estudo efetuado aos Relatórios da Sinistralidade de Veículos Agrícolas (01.01.2018 a 31.10.2021, em Portugal Continental), apuraram-se 2 484 acidentes com veículos agrícolas (1 940 de viação e 544 em propriedade privada; 90% envolvendo tratores), dos quais resultaram 191 mortes (66% das quais em propriedade privada), 289 feridos graves e 1006 feridos leves.

Centremo-nos agora na habilitação para conduzir e operar com o trator em condições de segurança ocupacional.

A Lei n.º 102/2009 de 10-09, na sua redação atual (Regime Jurídico da Promoção da Segurança e Saúde no Trabalho - SST), e os artigos 5.º e 32.º, do Decreto-Lei n.º 50/2005 de 25-02 (SST na utilização pelos trabalhadores de equipamentos de trabalho), exigem que os condutores e operadores tenham formação habilitante, que lhes atribua conhecimentos e competências para conduzir e operar com o trator em segurança. Esta formação encontra definição no artigo 5.º do Despacho 3232/2017 de 18-04: a formação "Conduzir e operar com o trator em segurança" (COTS) ou a equivalente Unidade de Formação de Curta Duração (UFCD) 9596. Reunidas essas referências, satisfaz-se o requisito de reserva para conduzir e operar tratores em condições de segurança.

Assim, os titulares das cartas de condução das categorias B, BE, C, CE, D e DE, devem fazer a formação COTS ou a equivalente UFCD 9596, enquanto formação habilitante para conduzir e operar nos dois espaços: na rodovia e na exploração. A formação complementar obtida será

### Titulares de licença exclusiva para condução na rodovia devem complementá-la com a formação COTS ou a equivalente UFCD 9596, para condução na atividade florestal.

posteriormente averbada na carta de condução da categoria T, tipo II (B e BE) ou III (C, CE, D e DE). Os titulares das licenças obtidas com formação exclusiva para a condução segura na rodovia devem complementá-la com a formação COTS ou a equivalente UFCD 9596, para adquirir competências na operação segura no trabalho da exploração. A formação complementar obtida será averbada na carta de condução da categoria T.

Só assim se demonstra perante a Autoridade para as Condições do Trabalho (ACT) a sua frequência e aproveitamento.

As licenças de condução que comprovem ter sido obtidas com prática de condução e operação seguras, nomeadamente pela frequência de Cursos de Operadores de Máquinas Agrícolas, a frequência da formação COTS ou a equivalente UFCD 9596 são, neste caso, recomendadas. E enquadram-se na formação habilitante, na formação em SST e na formação profissional do trabalhador.

A carta de condução da categoria T (tipos I, II e III) aguarda definição em Portaria dos requisitos a satisfazer pelos candidatos: conteúdos programáticos, meios de avaliação, duração das provas de exame, características dos veículos de exame e condições de certificação das entidades formadoras.

A finalidade é simples: trabalhar em segurança respeita a vida do operador, o bem-estar da família e a competitividade da empresa. **PF**

## ÓLEO ESSENCIAL DE EUCALIPTO COMBATE PRAGAS AGRÍCOLAS



Uma empresa espanhola desenvolveu um bactericida natural, com base em óleo essencial de eucalipto, para o combate da *Xylella fastidiosa*.

Especializada em soluções de proteção de culturas, a Lainco anunciou ter conseguido "excelentes resultados" com o novo produto com óleo de eucalipto, já patenteado em Espanha e com registo em curso na União Europeia, Estados Unidos e alguns países da América do Sul. A *Xylella fastidiosa* é considerada uma das principais ameaças para a agricultura em todo o planeta. As únicas medidas conhecidas para evitar a sua propagação passam pelo corte das plantas e demarcação da zona afetada. A bactéria provoca murchidão das folhas e galhos e, nos casos mais graves, a morte da planta.

## VIVEIROS ALIANÇA EQUIPAM NOVA SBE

A Nova School of Business and Economics, em Carcavelos, tem um novo parque arborizado, com 7 900 plantas doadas pelos Viveiros Aliança. O espaço foi instalado ao abrigo do protocolo de parceria entre aquela universidade e a The Navigator Company, que, além da oferta das plantas, assegurou os serviços de consultoria técnica necessários à requalificação paisagística do parque.

O "Navigator Park" do campus da Nova SBE exibe 20 espécies diferentes de árvores, arbustos

e herbáceas, incluindo urze de jardim, limpa-garrafas, madressilva, alecrim, pircanta, tamargueira e mato-branco, respeitando a biodiversidade e a adequação às condições do clima e solo existentes. Refira-se que os Viveiros Aliança dão vida, anualmente, a mais de 12 milhões de plantas de 135 espécies diferentes, muitas das quais sem viabilidade económica, mas que a empresa assegura como um investimento na diversidade e continuidade dessas espécies.

## SEDE DA AGIF OFICIALIZADA NA LOUSÃ

A Agência para a Gestão Integrada de Fogos Rurais (AGIF) oficializou a sua sede no Centro de Operações e Técnicas Florestais (COTF) na Lousã, facto que decorre da entrada em vigor do novo Sistema de Gestão Integrada de Fogos Rurais (SGIFR). O COTF situa-se junto ao aeródromo municipal da Chã do Freixo, onde também estão localizados o Laboratório de Estudos sobre Incêndios Florestais, da Universidade de Coimbra, e o Centro de Meios Aéreos, que conta com uma presença permanente do Grupo de Intervenção de Proteção e Socorro (GIPS) da GNR. Planeado e coordenado pela AGIF, o novo modelo de governança do sistema de defesa da floresta contra incêndios atuará no apoio à decisão, na prevenção e nos sistemas de autoproteção de pessoas e infraestruturas, mas também no dispositivo de combate aos incêndios rurais e na recuperação de áreas ardidas. O objetivo é reduzir para metade a área ardida na sequência de incêndios rurais em Portugal na próxima década.

## SOBREIRA GRANDE É A ÁRVORE PORTUGUESA DO ANO

A Sobreira Grande foi eleita como a Árvore Portuguesa de 2022, com 3 317 votos, na votação mais participada deste concurso nacional, promovido pela União da Floresta Mediterrânica (UNAC) e pela Associação de Parceria Ambiental (EPA). Com mais de 300 anos, a árvore está localizada no Vale Pereiro, no concelho de Arraiolos, e é o segundo exemplar de sobreiro a representar Portugal no concurso europeu da Árvore do Ano. No top 3 das árvores mais votadas ficaram a Melaleuca Armilaris, da Quinta das Pratas (Cartaxo), com 1 898 votos, e a Oliveira Real (Faro), com 1 700 votos.



# NOVAS OPORTUNIDADES DE FINANCIAMENTO PARA O SETOR FLORESTAL

## PRR QUER PROMOVER TERRITÓRIOS SUSTENTÁVEIS

Inserido no já aclamado Plano de Recuperação e Resiliência (PRR), prevê-se a abertura de novos avisos com interesse para o setor florestal, com arranque de candidatura previsto já no 1º trimestre de 2022. Estas iniciativas, inseridas na Componente 5 do PRR, visam sobretudo promover: (i) o desenvolvimento económico, ambiental e social sustentável; (ii) a gestão eficiente dos recursos naturais; e (iii) a valorização dos recursos endógenos dos territórios nacionais. Destes avisos, destacam-se os seguintes:

- **“Agricultura Sustentável**; Estimula a produção nacional, a adoção de sistemas de produção e distribuição mais sustentáveis”;
  - **“Iniciativa Emblemática** – Valorização da produção”;
  - **“Agricultura circular** – Desenvolver o aproveitamento dos subprodutos agrícolas, pecuários e agroindustriais”;
  - **“Revitalização das zonas rurais** – Fixar pessoas nos meios rurais, sobretudo jovens, em atividades agrícolas, da indústria, agroalimentar ou de prestação de serviços a todo o setor e atividades conexas”.
- Prevê-se que os apoios financeiros no âmbito dos presentes avisos revistam a forma de subsídio não reembolsável. Maiores detalhes serão dados aquando da abertura dos referidos avisos.

paisagísticas. O Ministério do Ambiente e da Ação Climática, com a aplicação destes apoios, pretende atrair “o investimento na floresta, conferir ao território maior resiliência e garantir uma gestão ativa e sustentável” deste que é um elemento fundamental de valorização do território nacional.

Relativamente à linha de financiamento do Fundo Ambiental, dotada com um valor total de 45 milhões de euros, esta visa apoiar a manutenção e gestão florestal, sendo que será dirigida para as seguintes áreas: (i) Florestação de terras não agrícolas; (ii) Reflorestação de áreas ardidadas entre 2003 e 2019; e (iii) Melhoria do valor económico com apoios às áreas de eucaliptais reconvertidas através da reflorestação com espécies folhosas autóctones. Neste momento, não existe nenhum Aviso aberto que esteja inserido nesta linha de financiamento, no entanto, prevê-se a abertura destes no decorrer do ano.

No que diz respeito aos Avisos inseridos no PDR2020 (perfazendo um valor total de 100 milhões de euros), encontra-se aberto um Aviso enquadrado na área prioritária de intervenção “Prevenção da floresta contra agentes bióticos”. Este Aviso, inserido na operação 8.1.4 “Restabelecimento da floresta afetada por agentes bióticos e abióticos ou por acontecimentos catastróficos” e com prazo de submissão de candidatura até ao dia 8 de abril, visa apoiar investimentos em áreas afetadas por agentes abióticos, para intervenções com escala territorial relevante. Poderão beneficiar destes apoios todas as pessoas singulares ou coletivas, de natureza pública ou privada, e as entidades gestoras de baldios, detentoras de espaços florestais.

Ainda no PDR2020, prevê-se também a abertura de outros Avisos inseridos nas seguintes áreas de intervenção:

- **“Florestação de terras não agrícolas”** (com verba de 35 milhões de euros) – tem como objetivo a promoção da florestação de áreas com matos, de forma a melhorar os ecossistemas com espécies de crescimento lento.
- **“Reflorestação de áreas ardidadas”** (com verba de 35 milhões de euros) – visa restabelecer o potencial florestal, através da reflorestação ou reabilitação de povoamentos, em áreas ardidadas entre 2003 e 2019.
- **“Melhoria da resiliência e do valor ambiental”** (com verba de 10 milhões de euros) – visa a reabilitação dos povoamentos em más condições vegetativas, bem como a adaptação às alterações climáticas e mitigação dos seus efeitos.
- **“Melhoria do valor económico”** (com verba de 5 milhões de euros) – visa a recuperação de povoamentos de *Eucalyptus spp* em subprodução, através da rearborização com a mesma espécie, ou outra, por forma a obter povoamentos mais produtivos, com vista a tornar os povoamentos mais resilientes aos incêndios. **PF**

É reconhecido ao setor florestal o seu importante valor económico para a economia nacional, bem como a sua significativa prestação em matéria de serviços ambientais e sociais. Desta forma, reconhece-se a necessidade da criação de intervenções que visem potenciar o papel dos recursos florestais enquanto recursos globais que fornecem uma gama variada de benefícios ambientais, culturais, económicos e sociais, e de produtos naturais renováveis (tais como a madeira e os combustíveis a partir de biomassa), com inúmeras aplicações e com uma clara influência nas comunidades rurais. Ao nível do ecossistema, também lhe é reconhecido o seu serviço vital no combate à desertificação, proteção de cursos de água, regulação climática, manutenção da

biodiversidade e preservação de valores sociais e culturais.

Tendo por base este reconhecimento ambiental, o documento que traça as linhas orientadoras para aplicação do próximo Quadro Financeiro Plurianual e dos novos instrumentos financeiros criados pela União Europeia, a chamada Estratégia Portugal 2030, assume como uma das suas agendas temáticas a “Transição climática e sustentabilidade dos recursos”.

Inseridos nesta agenda, e com o objetivo de potenciar todas as oportunidades associadas à geração de valor económico e de melhoria do desempenho ambiental, temos os domínios estratégicos: “Reduzir os riscos e valorizar os ativos ambientais” e “Agricultura e florestas

sustentáveis”. As intervenções nestes domínios visam potenciar o papel do setor da agricultura e das florestas, bem como do mundo rural no seu todo, na sustentabilidade e valorização dos recursos, na fixação das populações e no combate à desertificação.

### Garantir gestão ativa e sustentável

Em linha com os objetivos estratégicos nacionais para a floresta, serão disponibilizados através do Programa de Desenvolvimento Rural (PDR2020) e do Fundo Ambiental, uma dotação de 145 milhões de euros, destinados a incentivar e garantir uma gestão mais sustentável da floresta, como forma de potenciar as suas funções ambientais, sociais, económicas e

## “PRÁTICAS DE CULTIVO RENTÁVEIS TORNAM A FLORESTA MAIS SEGURA”



### Qual a importância da floresta no concelho de Vagos?

O concelho de Vagos tem uma área florestal bastante significativa. Cerca de um terço do nosso território é ocupado por floresta, sendo que a maior mancha é Mata Nacional e uma parte significativa é uma área privada do Município sob a gestão do Instituto de Conservação da Natureza e Florestas (ICNF).

### Que tipo de ações promove o município para o futuro da sua floresta?

Infelizmente, o maior proprietário e gestor florestal no concelho de Vagos [o Estado] é o primeiro a não dar um exemplo correto na gestão da sua área florestal. O que nós vemos na nossa mancha florestal gerida pelo ICNF é um exemplo de abandono, de falta de gestão e de manutenção. Uma autêntica bomba-relógio prestes a explodir, caso não tenha uma intervenção urgente que promova o melhor aproveitamento florestal e ambiental daquele espaço. Ainda assim, dentro do espaço privado,

o Município tem procurado promover, com uma associação de produtores florestais, a Associação Florestal do Baixo Vouga (AFBV), a implementação de práticas de cultivo rentáveis e que interliguem o maior número possível de proprietários, para tornar a produção florestal suficientemente atrativa em termos económicos, o que tornará a nossa floresta mais limpa e consequentemente mais segura.

### Que mais-valia representa o poder local para a melhoria do ordenamento territorial natural, nomeadamente do desenvolvimento da floresta?

Como referi anteriormente, podemos e devemos ser parceiros das nossas associações de produtores florestais, no sentido de promover a prática florestal com retorno financeiro para os proprietários, fomentando, de forma proativa, a manutenção da limpeza dos terrenos. Não nos podemos esquecer que o país tem na sua indústria da celulose um dos seus ativos mais importantes e que precisamos de alimentar essa mesma indústria, reduzindo assim as nossas necessidades de matéria-prima que neste momento está a ser importada do Brasil e de África. Além disso, uma prática sustentável da produção agroflorestal pode incrementar o crescimento sustentado do território, reduzindo as consequências da desertificação de uma franja importante do nosso território. **PF**

## AGENDA

**Nota:** Devido aos constrangimentos causados pela Covid-19, os eventos agendados para os próximos meses poderão ser condicionados, cancelados ou adiados.

### MARÇO

#### 21 a 25

• Semana da Floresta Mediterrânica, em Antalya (Turquia)

#### 24 a 27

• 54.ª AgroBraga - Feira Internacional de Agricultura, Pecuária e Alimentação, no Altice Forum em Braga

#### 25 a 27

• Feira do Porco Alentejano, no Pavilhão Multiusos de Ourique

### ABRIL

#### 7 a 9

• ExpoJardim, na FIL em Lisboa

#### 21 a 25

• 38.ª Ovibeja, em Beja

#### 30 de abril a 29 de maio

• Feira de Leiria, junto ao Estádio Municipal de Leiria

#### 14 a 20

• Agritech'2021 - "Eficiência Verde - inspirada em soluções", em Hanover, Alemanha

#### 17 a 22

• 3.ª Agrovouga, em formato digital

#### 28

• 9.ª AGROIN, Auditório da Faculdade de Medicina Dentária, na Universidade de Lisboa

### MAIO

#### 2 a 6

• 15.º Congresso Mundial Florestal, em Seoul (Coreia do Sul)

#### 7 e 8

• Festival vitivinícola "Aqui na Bairrada", em Anadia

#### 12 a 14

• Feira Nacional do Porco, no Montijo

#### 16 a 20

• 6.ª Conferência Europeia de Agrofloresta, em Nuoro (Itália)

#### 26 a 29

• FICOR - Feira Internacional da Cortiça, em Coruche

#### 27 a 29

• 12.ª Expoflorestal, em Albergaria-a-Velha

### JUNHO

#### 4 a 12

• 58.ª Feira Nacional de Agricultura/FNA22 e 68.ª Feira do Ribatejo, em Santarém

## OPINIÃO

# FLORESTA NACIONAL, UM ACTIVO A PRESERVAR

LICÍNIO PINA

PRESIDENTE DO GRUPO CRÉDITO AGRÍCOLA



A floresta é um bem precioso, por diversos motivos, mas sobretudo pelo papel que desempenha como sumidouro de carbono, contribuindo fortemente para a sustentabilidade ambiental.

No nosso país, nem sempre as políticas que envolvem actividade florestal e a preservação do ambiente têm em conta a vertente económica da qual dependem milhares de famílias, com empregos directos ou indirectos e bem assim o rendimento acrescido e extraordinário que constitui o produto florestal. Parece, que alguns responsáveis políticos, apenas se lembram do coberto florestal no Verão, por motivos negativos, geralmente associados a fogos florestais, transformando a floresta num instrumento mediático como sendo uma área desordenada, abandonada e um fardo para muitos proprietários que as deverão manter, sem retorno de qualquer subsídio à sua manutenção, gestão e ordenamento.

A propriedade rural no nosso país pode ser dividida em duas grandes regiões, com o Tejo a servir de linha de separação entre Norte e Sul. A grande propriedade domina a Sul, onde predomina o montado de sobre e azinho, bem como o pinheiro-manso essencial na península de Setúbal, apenas cortada pela serra algarvia que oferece às populações residentes outras espécies arbustivas, com domínio do medronheiro e espécies adaptadas aos solos xistosos com potencial para a produção de mel.

**Devemos ser exigentes nas questões relacionadas com a política agrícola comum, defendendo a riqueza que são as nossas florestas e o valor económico que podem gerar.**

A norte do Tejo predomina a pequena propriedade onde a maior dispersão da população se relaciona com a dimensão da propriedade, a abundância de água e os solos com origens calcárias, graníticas ou xistosas, determinam o seu coberto florestal.

As espécies dominantes são o pinheiro-bravo e o eucalipto, que não sendo autóctone encontrou no nosso país mediterrânico boas condições para o seu crescimento. O crescimento ordenado de eucalipto ou de povoamentos mistos com pinheiro-bravo, não devem ser diabolizados, devemos sim olhar para o grande conforto financeiro que os mesmos aportam às famílias.

Nas condições actuais, e nesta grande região a norte do Tejo a exploração florestal só será rentável se forem quebradas as barreiras da propriedade individualizada e o associativismo imperar.

Foram criadas várias zonas de intervenção florestal, com um princípio abrangente de inclusão de terrenos do domínio privado do estado nas zonas de intervenção florestal num conceito de gestão florestal integrado, incluindo dezenas de proprietários individuais. Estas grandes áreas denominadas ZIFs foram uma iniciativa positiva que permitiu ultrapassar a barreira psicológica dos pequenos proprietários e integrar os seus terrenos florestais numa zona de gestão integrada.

A falta de políticas efectivas para o emparcelamento e titularidade da propriedade, tem sido a principal causa para a destruição de um sector de actividade que é essencial à sobrevivência e fixação de pessoas em ambiente rural.

Devemos ser exigentes nas questões relacionadas com a política agrícola comum, defendendo a riqueza que são as nossas florestas e o valor económico que podem gerar. A floresta queimada, não gera qualquer retorno económico e não efectua o importante papel de sustentabilidade ambiental. **PF**

\*Por vontade do autor, este texto não segue as regras do acordo ortográfico em vigor.

## FICHA TÉCNICA

**Edição e coordenação:** Direcção de Comunicação e Marca

**Diretor:** Rui Pedro Batista

**Paginação:** McCann

**Conteúdos:** Key Message Comunicação Estratégica

**Proprietário/Editor:** The Navigator Company

**Morada e sede da redacção:** Av. Fontes Pereira de Melo, 27 1050-117 Lisboa

**Impressão:** Impresso em papel Inaset Plus Offset 110 g/m<sup>2</sup>, tendo por base florestas com gestão responsável.

Isenta de registo na ERC, ao abrigo do Dec. Reg. 8/99, de 9/6, art.º 12.º n.º 1-a). Depósito Legal n.º 0000/18

**Periodicidade:** Trimestral  
**Tiragem:** 15 000 exemplares  
**Gráfica:** Sprint

**PUBLICAÇÃO GRATUITA**

**PRODUTORES  
FLORESTAIS**

Acompanhe o nosso website para mais informações em <https://produtoresflorestais.pt/>



**BAHCO**

**CREATED  
TO CUT**



*Tesouras Elétricas para  
limpeza e poda florestal!  
Robustez, eficiência,  
precisão e autonomia.*

**[www.bahco.com](http://www.bahco.com)**

Parceiro  
**PRODUTORES  
FLORESTAIS**



Quer que o seu negócio seja um Parceiro Produtores Florestais?  
Saiba como através do e-mail: [revista@produtoresflorestais.pt](mailto:revista@produtoresflorestais.pt)